

Antropólogo fala sobre os índios e a Funai

Lea Cristiane Violante

O que o senhor acha da atual política indigenista brasileira?

A política indigenista atualmente, como em outras décadas, deixa muito a desejar. Talvez o seu principal aspecto negativo e até paradoxal seja o fato de a Fundação Nacional do Índio - Funai - órgão oficial encarregado de elaborar e executar a política indígena, estar diretamente vinculado ao Ministério do Interior, essencialmente desenvolvimentista e que abriga siglas como a Sudam - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia e Sudene - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, entre outras.

Essas siglas têm por objetivo o financiamento de grandes projetos a indústrias agropecuárias, a fazendas da localida-

de, em seus desmatamentos, visando a criação de gado e plantação, por exemplo, quando normalmente as reservas indígenas são atingidas e desrespeitadas. Isso tem gerado muitos conflitos entre índios e funcionários da Funai contra a ideologia desenvolvimentista da Sudam, Sudene e outros órgãos vinculados ao Ministério.

Como está a situação do índio, hoje, com a Nova República?

Infelizmente, a mesma. Nós assistimos a Nação eufórica com o Plano de Estabilização Nacional implantado pelo presidente José Sarney, que vem proclamando aberturas a muitos movimentos sociais, como o dos negros, ouvindo seus representantes e atendendo suas reivindicações. Mas, com os índios, acontece exatamente o inverso. O ex-presidente Tancredo Neves, enquanto candidato, recebeu várias vezes, lideranças indígenas como Marcos Terena, Mário Juruna e Txucarramãe, juntamente com as comissões

pró-índio; grupos ligados à igreja e antropólogos da Associação Brasileira de Antropologia - ABA - esboçando com eles, um complexo trabalho a ser implantado junto às populações indígenas.

Entretanto, com o seu falecimento, o presidente Sarney até agora não colocou em prática esses estudos. Na Nova República foram demarcadas apenas duas áreas indígenas e os nativos continuam à margem de decisões de seu interesse, como os programas na área de saúde, educação e atualmente, a descentralização da Funai, com a extinção de suas 17 delegacias, espalhadas por todo o País, incluindo-se a sede em Brasília e a substituição destas

“ Para os índios, não existe Nova República ”

por apenas seis superintendências em capitais como Curitiba, Manaus, Belém, Recife, Cuiabá e Goiânia, o que acabará enfraquecendo a Funai.

Porque na opinião do senhor essa descentralização irá enfraquecer a Funai?

Enquanto a presidência da Funai se mantinha em Brasília, onde encontram-se os Ministérios, o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e a própria Presidência da República, os representantes dos nativos chegavam até o miolo do poder, onde as decisões são tomadas, para fazerem suas reivindicações. Isso, sem mencionar o encontro com outras lideranças nativas, que acabavam resultando em troca de idéias, e de posicionamentos sobre determinados assuntos de comum interesse, fortalecendo ainda mais o movimento indigenista.

Com a descentralização do órgão, o que irá prevalecer, serão os interesses dos grandes fazendeiros de localidade como

Manaus e Goiânia, com a vantagem da desunião das lideranças, que dificilmente terão contato. Apesar de tudo isso, eu considero utópico o Ministério do Interior pensar que ao descentralizar a Funai resolverá o problema de deslocamento de índios. Eles estão decididos a continuar levando a Brasília, suas reivindicações de demarcações de terras, de protestos contra a entrada de mineradoras, por exemplo, em reservas nativas e muitas outras.

Que papel a Fundação Nacional do Índio desempenha atualmente?

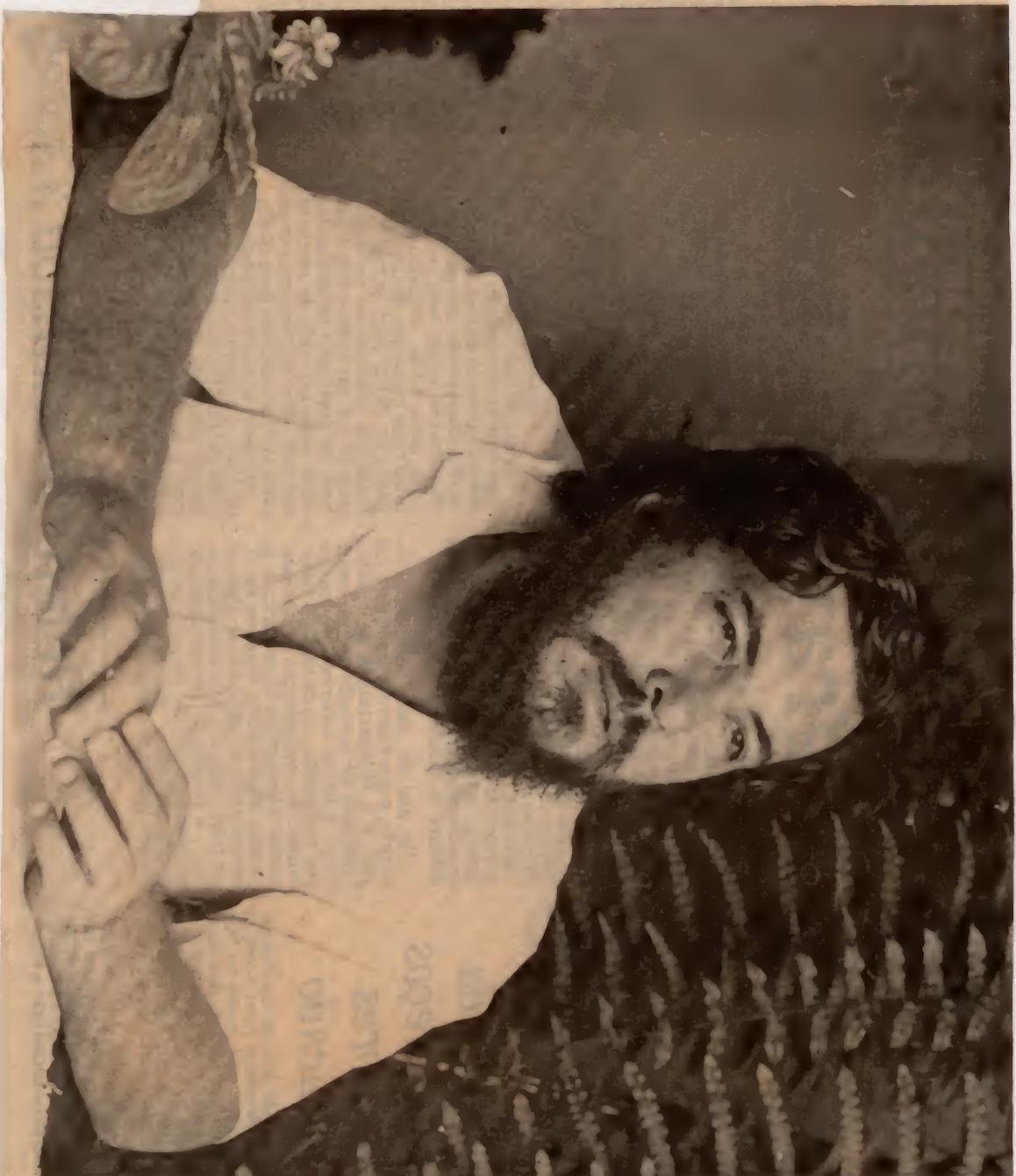
Embora a legislação brasileira (Lei 6001) seja perfeita e o Brasil tenha assinado alguns tratados internacionais como a Convenção de Genebra e o Tratado do Equador, este último em outubro de 1964, comprometendo-se a respeitar as nações indígenas, através da garantia a elas, de terras, programas de saúde e educação, a Funai não passa de um órgão mediador de conflitos entre nações indígenas e frentes de penetração, como as de garimpeiros, madeireiros e outras.

Poucas vezes, infelizmente, a Fundação Nacional do Índio atuou em defesa dos nativos, garantindo-lhes a demarcação de terras e denunciando à opinião pública, os massacres e conflitos existentes. A Funai existe mais como um órgão mediador que muitas vezes acaba convencendo as lideranças indígenas a abrirem mão de seus direitos legítimos como a posse da terra, permitindo ainda, a extração ilegal, de madeira e de garimpo em suas reservas, para o favorecimento de grandes grupos econômicos.

Qual a saída, então?

A curto prazo, o ideal seria a criação de postos de atendimento ao índio, que funcionassem como células iniciais junto às aldeias. Assim, os funcionários do posto, entre eles, um indigenista, técni-

O antropólogo Cláudio Romero, que dirigiu o Parque Nacional Indígena do Xingu durante dois anos e conviveu nos últimos 10 anos com índios de várias tribos, esteve nesta semana em Campinas, onde proferiu palestras em escolas do município. O profissional, hoje mais um indigenista do que um antropólogo, viveu quatro anos junto aos Xavantes no Mato Grosso: 1 ano com os Pataxós na Bahia; seis meses com os Caiapós no Pará, sem dizer ainda dos Carajás, Xerentes e Apinagés, em Goiás e dos Bororos no Mato Grosso, entre muitas outras tribos, com quem Romero teve contato, descobrindo sua língua, seus costumes, crenças e rituais. O indigenista, que está morando atualmente em Brasília, conta à reportagem do **Correio Popular** um pouco de sua experiência entre os nativos; da política indigenista brasileira; da descentralização da Funai pelo Ministério do Interior e da qual é contra, além das principais doenças contraídas pelos nativos em contato com a civilização, incluindo-se ainda a prostituição das índias.



“ Descentralizar Funai multiplica poder de grupos ”

co de laboratório, tratorista, trabalhador rural, atendente de enfermagem e um auxiliar de ensino, passariam a morar com os nativos, nas aldeias, para sentir de perto sua realidade, com todos os problemas culturais e sociais. E, cada um destes postos passaria a receber a supervisão e apoio constantes das 17 delegacias da Funai que, na minha opinião, não deveriam ser desarticuladas e substituídas pelas seis superintendências propostas pelo Ministério do Interior.

A criação destes postos, a seu ver, seria suficiente para resolver o problema do índio brasileiro?

Numa fase inicial, sim, pois esses postos teriam o apoio direto das 17 delegacias que passariam a contar com infraestrutura e equipes maiores de saúde, principalmente, cuja função seria a de percorrer áreas indígenas, controlando as epidemias, que colaboram de forma decisiva para o extermínio do índio brasileiro. Estas equipes seriam formadas por médicos, dentistas, enfermeiros, laboratoristas e outros profissionais da área de saúde. Somente em Manaus existem 80 mil índios que necessitam de atendimento. Tudo isso, é claro, a partir de uma série de demarcações de terras. Antes de se implantar qualquer posto ou núcleo nas aldeias e iniciar programas é imprescindível que os nativos tenham o seu espaço garantido. Essas medidas, aliadas a um trabalho de conscientização da opinião pública nacional com relação ao índio, através de denúncias veiculadas pela Imprensa e de movimentos populares protestando contra a invasão das reservas nativas, seria o início de uma solução para o impasse.



O senhor acha que a Reforma Agrária resolveria o problema de terras dos índios?

Poderá resolver, mas depende muito de como será implantada. Nós, indigenistas, temos um pouco de medo do governo decidir começar sua Reforma pelas reservas indígenas. Na minha opinião, a Reforma Agrária, aqui, está muito atrasada, mas, ela deve ser feita a partir dos grandes latifúndios improdutivos.

Se isso acontecer, com certeza solucionará o problema de invasão das terras dos nativos, principalmente porque muitos fazendeiros hoje, como acontece na região Centro-Oeste, apóiam posseiros na invasão das reservas nativas para mais tarde, os expulsarem das áreas e assumirem o seu comando. Conseqüentemente, os trabalhadores rurais abandonam as terras e se concentram nos grandes centros urbanos, criando dois problemas para o País: o aumento do índice de marginalidade, com conseqüências desastrosas e a invasão das terras indígenas.

Isso, sem mencionar a queda na produção de alimentos, obrigando o Brasil a importá-los de outros países, já que os grandes latifundiários nada produzem em suas terras, preferindo utilizá-las para a especulação. O Brasil necessita implantar com urgência, a sua Reforma Agrária, de forma séria e sem medo de ferir interesses de multinacionais, de grandes grupos econômicos e tampouco dos latifundiários improdutivos. Os fazendeiros estão organizando com frequência, milícias que acabam assassinando tanto trabalhadores rurais como os índios, sem sofrerem punições. É contra essa situação que todos os brasileiros devem protestar, clamando pela Reforma Agrária.

Quantos índios sobreviveram aos massacres desde a descoberta do País e qual a influência do avanço tecnológico e industrial em suas Nações?

Hoje existem apenas 200 ou 250 mil índios dos 5 milhões de nativos que habitavam o País, na época de seu descobrimento. Aliás, eu insisto em dizer que o Brasil foi invadido e não descoberto, como revela falsamente a História. Sobre a influência tecnológica e da indústria nessas Nações, eu posso dizer que ela não tem sido das melhores. Os desfolhantes químicos e os tratores com esteiras são capazes de destruir num dia, apenas, uma área de 100 a 200 mil hectares, que muitas vezes são as reservas nativas ou áreas próximas a elas e de onde os índios retiram plantas medicinais ou madeira para confeccionarem seus arcos, flechas e utensílios, garantindo os seus hábitos e a continuidade de seu processo cultural.

Também a alimentação, através da pesca e da caça, dos vegetais e frutos silvestres ficam comprometidos, sem contar as tintas de determinadas plantas corantes que eles utilizam para a pintura de seus artefatos. Quando suas reservas não são des-

VIOLANTE, Lea Cristiane. Antropólogo fala sobre os índios e a Funai. Correio Popular, Campinas, 4 maio 1986.

truídas, sofrem as conseqüências graves da poluição dos produtos químicos, que afetam os rios, as matas e até mesmo o solo, em áreas próximas.

Assim, tanto os índios como suas reservas vão sendo dizimadas. Logo após a descoberta do País, as expedições de bandeirantes aprisionavam os nativos para escravizá-los, quando as baixas nos acampamentos disparavam. Bom exemplo é a de uma expedição que teve início no estado do Maranhão, em direção a Minas Gerais e a São Paulo. Os bandeirantes saíram do estado maranhense com 600 mil indígenas, chegando ao destino com apenas 10 mil deles. A maioria morria de saudades de suas tribos ou de doenças contraídas através de contatos com o branco.

Quais as doenças mais comuns e as que provocam mais mortes entre os nativos?

Quando o homem comum chega a uma aldeia indígena mais isolada, a primeira herança que os índios recebem são as doenças, seja através de contatos com as frentes de madeireiros, garimpeiros ou mesmo através dos serviços de proteção às tribos, quando um funcionário da Funai mais descuidado, encontra-se enfermo e em contato direto com os índios.

Qualquer doença nossa é muito nociva ao índio, que não apresenta anticorpos a elas. As mais comuns têm sido as gripes, sarampo, catapora e tuberculose. Geralmente esses trabalhadores das frentes madeireiras, das construções de estradas e do garimpo, por exemplo, são muito pobres e sem saúde. A maioria deles vive com fortes gripes e são tuberculosos. Ai, o menor contato é suficiente para matar um índio.

Uma gripe numa aldeia é capaz de dizimar em poucos dias, entre 40 a 60 nativos. Nós tivemos uma experiência semelhante em 1982, quando o contato de frentistas com a tribo Arara, provocou 18 mortes em quatro dias, por gripe. Na ocasião, a Funai montou uma expedição-saúde com helicópteros da FAB - Força Aérea Brasileira e do Exército para salvar a aldeia dos Arara, onde foram encontradas até mães mortas "amamentando" seus filhos.

Outro exemplo é o dos 460 índios Pakanova do Peixoto de Azevedo, que foram transportados para o Parque Nacional do Xingu, em razão de uma estrada construída em suas reservas. Desse total, chegaram apenas 68 nativos com vida no Parque do Xingu. Os que não morreram de doenças, padeceram de saudades de suas tribos, crenças e hábitos.

É verdade que a prostituição está aumentando a cada dia nas tribos em contato com a civilização?

Algumas nações indígenas como os Apinagés, na região Norte

de Goiás, próxima ao Maranhão, no chamado Bico de Papagaio, vêm sofrendo influências da civilização desde a criação da Transamazônica, que passa a quatro quilômetros desta aldeia. A partir daí, as índias que vivem nuas e na época, sem qualquer contato com a civilização, passaram a se relacionar com milhares de trabalhadores que ali se encontravam carentes sem famílias ou mulheres.

Elas passaram a ser presas fáceis da carência e também da malandragem daqueles homens rudes que as prostituíram, levando ainda às aldeias, muitas doenças venéreas. Hoje, algumas índias abandonaram suas tribos e vivem em prostibulos nas cidades próximas ou pegando caronas de caminhão nas estradas. Mas, isso só acontece com aldeias que tiveram ou estão em contato com trabalhadores de estradas ou barragens, por exemplo, como ocorre com os Bororó no Mato Grosso, nos arredores da estrada BR-70. A Funai, juntamente com a Polícia Federal iniciou recentemente, um trabalho para recuperar as índias prostituídas, com o objetivo de acabar com esta prática nas aldeias.

Qual a sua visão com relação ao índio? É melhor isolá-lo da civilização?

É impossível, atualmente, manter o índio isolado da civilização. Como os contatos acabam mesmo existindo, é preciso que o governo acompanhe o desenvolvimento do índio, preparando-o para esse contato, de forma gradativa. Mesmo assim, é possível permitir aos nativos a preservação de sua cultura. Temos hoje, o Marcos Terena que, além de índio é assessor do ministro da Cultura e piloto; ou o Mário Juruana, da tribo dos Xavante e deputado estadual. São índios que estão participando ativamente da vida nacional mas, que, passam a usar cocar e tanga quando ficam em suas aldeias.

Para a preservação da cultura indígena é necessário antes de tudo, que cada nação tenha o seu pedaço de terra garantido. É comum encontrarmos índios andando pelas cidades de roupas e relógios. Mas, quando chegam às suas aldeias, eles ficam nus, falam sua língua, caçam, pescam e usam os artefatos confeccionados em suas tribos.